



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

E-ISSN 2316-3828

DOI-10.17564/2316-3828.2017v6n1p163-176

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CORPORAIS DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS NO FACEBOOK

SOCIAL AND BODY REPRESENTATION OF PROFESSOR IN FACEBOOK

LAS REPRESENTACIONES SOCIALES Y CORPORALES DE LOS PROFESORES UNIVERSITARIOS EN FACEBOOK

Ramon Missias-Moreira¹

Edvaldo Souza Couto²

RESUMO

O artigo apresenta resultados de uma pesquisa que objetivou apreender as representações sociais e corporais produzidas por um grupo de professores universitários de cursos de Educação Física no *Facebook*. O campo teórico da investigação foi a Teoria das Representações Sociais e os Estudos sobre a Cibercultura. O método utilizado foi o qualitativo, de cunho descritivo e analítico e as estratégias metodológicas utilizadas foram questionário semiestruturado e diálogo com os pesquisados por meio do *Messenger*. Os dados produzidos foram tratados, organizados e analisados

de acordo com a Técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados foram apresentados e discutidos tomando-se como princípio de análise a interpretação das unidades de análise que emergiram dos conteúdos dos professores pesquisados. A pesquisa concluiu que as representações corporais, dentro da perspectiva da educação e da cibercultura, são esses próprios professores universitários em sua interação, experimentação, doação, recepção, integração, conectando-se e mostrando-se ao mundo de forma livre e mais completa apenas por alguns cliques no *Facebook*.

PALAVRAS-CHAVE

Cibercultura. Representações sociais. Representações corporais. Facebook e educação. Professores de Educação Física.

ABSTRACT

The article presents results of a research that aimed to apprehend the social and corporal representations produced by a group of university professors of Physical Education courses in Facebook. The theoretical field of research was Theory of Social Representations and the Studies about Cyberculture. The method used was qualitative, descriptive and analytical, and the methodological strategies used were semi-structured questionnaire and dialogue with respondents through Messenger. The data produced were processed, organized and analyzed according to the Content Analysis Technique. The results were presented and discussed taking as a principle of analysis the interpretation of the units of analysis that emerged from the contents of the teachers stud-

RESUMEN

El artículo presenta resultados de una encuesta que pretendía apoderarse de las representaciones sociales y producido por un grupo de profesores de educación física cursos en Facebook. El campo teórico de la investigación fue la teoría de las representaciones sociales y el estudio de la cibercultura. El método utilizado fue las medidas cualitativas, descriptivas y analíticas y estrategias metodológicas utilizadas fueron cuestionario semi-estructurado y el diálogo con el buscado a través del Messenger. Los datos generados fueron tratados, organizados y analizados según la técnica de análisis de contenido. Los resultados se presentan y discuten al tomar el principio de la interpretación de las unidades de análisis de análisis que emergieron de los contenidos de los pro-

ied. The research concluded that the corporal representations, within the perspective of education and cyberculture, are these university professors themselves in their interaction, experimentation, donation, reception, integration, connecting and showing themselves to the world in a free and complete way only for a few clicks on Facebook.

KEYWORDS

Cyberculture. Social Representations. Body Representations. Facebook and Education. Teachers of Physical Education.

fesores encuestados. La investigación concluye que las representaciones corporales, en la perspectiva de la educación y la cibercultura, son estos profesores de Universidad propia en su interacción, experimentación, donación, acogida, integración, conexión y mostrar al mundo y más completar solo con unos clicks en Facebook.

PALABRAS CLAVE

Cibercultura. Representaciones sociales. Representaciones corporales. Facebook y educación. Profesores de educación física.

1 INTRODUÇÃO

Viver em rede é um novo modo de ser na nossa sociedade cibercultural. O tema central desta pesquisa é sobre as representações sociais e corporais construídas em *sites* de redes sociais, especificamente no *Facebook*, por um grupo de professores universitários de cursos de Educação Física do Brasil e da Espanha.

Refletir sobre a construção das representações corporais baseando-se na Teoria das Representações Sociais (TRS) (MOSCOVICI, 2006; 2015) e a partir de estudos da cibercultura (LEMO; LÉVY, 2010) é dialogar sobre a construção do próprio sujeito em si e de como ele se re(a)presenta a partir e para o Outro. A cibercultura é o novo nomadismo, não é o território geográfico nem o das instituições ou dos Estados, mas um espaço invisível dos conhecimentos, dos saberes, das forças de pensamento no seio da qual se manifestam e se alteram as qualidades do ser, os modos de fazer sociedade.

É nesse contexto que se torna necessário tratar sobre as subjetividades corporais construídas em rede, vez que é um tema complexo, devido às múltiplas questões que estão conectadas. Para além dos aspectos físicos e biológicos, o corpo é um arcabouço de existência material que compreende as maneiras de interagir e se relacionar com o mundo que o cerca, tendo seus limites dilatados em nossa sociedade pós-moderna.

As construções de ações subjetivas dos docentes se dão por discurso, por meio de técnicas, exercícios e procedimentos diferentes, produzindo determinados tipos de subjetividades. Para produzir estes conteúdos sobre si, esses sujeitos vivenciam uma sequência de exercícios, ou seja, de práticas/técnicas de si, as quais não são inventadas pelos professores, mas constituem esquemas que eles localizam em sua cultura e em suas representações sociais, sendo-lhes sugeridos, propostos e impostos pela sociedade e determinados pelos grupos sociais dos quais se faz parte. Vale salientar que tudo isso acontece em rede porque a existência do ser humano é corporal, tudo parte do corpo, são experiências sociais que permeiam as Práticas corporais (MISSIAS-MOREIRA, 2017).

Nessa era da informação, passamos a constituir um momento histórico novo em que a mediação das relações e interações se estrutura a partir das informações em rede e da capacidade de geração de conhecimentos coletivos (LÉVY, 2003). A sociedade em rede também é discutida e contextualizada a partir das ideias de cibercultura de Pierre Lévy (1999), sob algumas nomenclaturas e conceitos todos eles pertencentes ao quadro da cibercultura, que são lugares virtuais propícios para compartilhar aprendizados, experiências e acontecimentos, além de se basear em uma nova relação de espaço-tempo.

As alterações que nos acontecem são formas vivas de subjetividades, onde o homem pode se converter em outros sem deixar de ser a si mesmo, em que carrega a perda de determinadas qualidades e, por outro lado, possui a aquisição de outras, constituindo novos modos de ser em rede e também fora dela. Seguindo esse mesmo pensamento, Lúcia Santaella (2007) nos descreve uma das definições do conceito de “devir” proposto por Deleuze, onde o devir se relaciona com um corpo livre, sobre o prisma da liberdade, que flutua livremente para muito além de sua identidade física, desterritorializando os limites físicos e geográficos, constituindo-se de um desejo intenso e dinâmico.

Desse modo, compreendemos que a educação faz parte do processo de formação humana, ou seja, ela é muito mais ampla do que a mera formação escolar, buscando a constituição omnilateral dos sujeitos. No sentido desta pesquisa, se reconhece a importância de que as redes sociais possuem um papel principal e desenvolvem uma grande influência hoje no modo de viver, nas formas de se relacionar, regulando, administrando, aprisionando e/ou libertando festivamente esses corpos. Com a presença dessas tecnologias digitais muitas mudanças acontecem, principalmente quando se leva em consideração a multivocalidade, a colaboração e a interatividade, que são potencializadas nas redes sociais.

Dessarte, este estudo apresenta resultados de uma pesquisa que objetivou apreender as representações sociais e corporais produzidas por um grupo de professores universitários de cursos de Educação Física no *Facebook*.

2 NO QUE VOCÊ ESTÁ PENSANDO? APORTES METODOLÓGICOS DA PESQUISA *ON LINE*

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2012) que é embasada pela visão e entendimento de que essa proposta de pesquisa trabalhou com dados descritivos, que foram produzidos a partir da relação entre os pesquisadores, o objeto de estudo, os professores participantes e a realidade investigada, focalizando mais o processo do que puramente o produto. Baseando-se na TRS (MOSCOVICI, 2015) e em estudos da cibercultura (LÉVY, 1999; RUDIGER, 2016), possibilitou a apreensão das subjetividades contemporâneas produzidas a partir das representações corporais e sociais digitais.

Moscovici (2015) aponta que mais necessário que saber a origem e como se constitui determinada representação é compreender qual a sua função dentro da sociedade. Trata-se de um estudo do tipo descritivo, exploratório e analítico, por entender que permitiu compreender o fenômeno em sua complexidade, vez que nas ciências humanas tem se apresentado como um objeto histórico de análise. Todas as formas coletivas e individuais em sua realidade social são constituídas de valores, crenças, experiências, vivências, ação, significados e senso comum (representações sociais).

Este estudo está fundado na netnografia, que de acordo Moscovici (2006, p. 78) a netnografia considera os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações do homem dentro de comunidades virtuais, faz-se pertinente ressaltar que se encontra em transformação constante, “apresentando-se em formas constante-

mente provisórias, além de representarem um fenômeno embrionário”.

Nesse cenário, o *lócus* empírico para desenvolvimento desta pesquisa foi a rede social *facebook*, um espaço essencial de enunciação, espetacularização, interação, diálogos, comunicação, colaboração, partilha de conhecimento, dentre outros. Para a construção dos dados foi utilizada a combinação de dois instrumentos: diálogos entre o autor principal da pesquisa e os professores pesquisados e questionário semiestruturado, ambos por meio do *Messenger*¹. Seguindo esta lógica, Moscovici (2015) argumenta que um participante que responde a um questionário aberto ou fechado escolhe uma categoria ou perspectiva de respostas para emitir uma mensagem particular para acarretar uma ordem pessoal ou intelectual.

Foram 12 participantes, sendo 8 professores universitários de cursos de Educação Física de universidades públicas em cidades que estão espalhadas pelas cinco regiões brasileiras e soma-se a essa diversidade regional, cultural e nacional de saberes, um grupo de 4 participantes professores universitários da região norte da Espanha, demarcando espaço para além das fronteiras geográficas de nosso país e que agregam com suas pluralidades, experiências e subjetividades multirreferenciais.

Ainda, esses dados produzidos por meio das diversas linguagens e diferentes vozes foram tratados, organizados e analisados de acordo com a Técnica de Análise de Conteúdo (AC), segundo Bardin (2011), e obedecendo aos passos: 1ª FASE: pré-análise, 2ª FASE: exploração do material e 3ª FASE: tratamento dos dados, inferência e interpretação. Os resultados foram apresentados e discutidos tomando-se como princípio de análise a interpretação das unidades de análises que emergiram dos conteúdos dos professores pesquisados (BARDIN, 2011).

Dessa maneira, as ideias, informações, perguntas, fotografias, vídeos, áudios e discursos disponibilizados nas páginas pessoais seriam informações públi-

1. O *facebook* criou um aplicativo chamado *Messenger* que permite a comunicação dos usuários por meio deste bate papo.

cas? Angela Garcia e outros autores (2009) sinalizam que a *internet* não é um “espaço” físico e que o fato do domínio está relacionado à acessibilidade a informação. Nessa perspectiva, se a informação está acessível ela seria pública. Todavia, optamos por informar aos professores convidados que a pesquisa não possui nenhum risco como aponta a resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016) e enviamos via *Messenger* o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos mesmos. Com o termo de consentimento, os nomes que aparecem acompanhando as falas são os nomes reais dos pesquisados.

3 CONTEÚDOS MANIFESTOS NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CORPORAIS DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS

Neste ponto nodal, levando em consideração as características de uma pesquisa qualitativa em educação na perspectiva da cibercultura e da TRS, são apresentados e discutidos dados produzidos por meio dos questionários enviados pelo *facebook* e respondidos pelos professores universitários e também por meio dos diálogos no *Messenger* estabelecidos com esses participantes. Conhecer essas características nos ajuda a entender como são construídas as representações sociais e corporais docentes na rede social.

Foram organizadas na Tabela 1 informações que permitem a apreensão das características sociodemográficas e profissionais que constituem esse grupo pesquisado. São demonstradas na forma de percentual, com a intencionalidade de desvelar a representatividade das seguintes categorias: sexo, faixa etária, cor, formação, tempo de docência geral, tempo de docência na área da Educação Física no ensino superior, tipo de universidade, regime de trabalho, faixa salarial e tempo de uso do *facebook*.

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica e profissional dos professores participantes da pesquisa. Dez/2016

Variáveis	Frequência	
	N	%
Sexo		
Feminino	4	33,33
Masculino	8	66,67
Faixa Etária		
29-40	6	50,00
41-50	2	16,67
51-60	4	33,33
Cor		
Branca	7	58,33
Parda	3	25,00
Preta	2	16,67
Formação		
Doutores	9	75,00
Mestres	3	25,00
Tipo de Universidade (emprego)		
Pública	12	100,0
Regime de Trabalho		
Dedicação Exclusiva	12	100,0
Tempo de docência (em anos)		
1-5	4	33,33
6-10	3	25,00
11-20	0	00,00
Acima de 20	5	41,67
Docência Ensino Superior (em anos)		
1-5	6	50,00
6-10	2	16,67
11-20	1	08,33
Acima de 20	3	25,00

Variáveis	Frequência	
	N	%
Faixa Salarial (em reais)		
4.000,00 - 6.000,00	3	25,00
6,001,00 – 8.000,00	3	25,00
8.001,00 - Acima	6	50,00
Tempo de Uso Facebook (em anos)		
1-3	3	25,00
4-7	6	50,00
8-10	3	25,00

Fonte: Dados da Pesquisa

Analisar estas variáveis nos leva a compreender alguns itinerários tomados por estes professores, suas trajetórias, movimentos e que os levam, inclusive, a construir seus Eus, modos de ser e suas representações corporais no *facebook*. Essa representação corporal é composta por uma polifonia que está relacionada à multiplicidade e à quantidade de representações, polissemia que se ancora na preten-

sa transparência das imagens fotográficas, legendas, interações e vozes docentes.

Vale ressaltar, que assim como a linha do tempo do *facebook*, as representações de si e a representação do Outro são maleáveis e contingentes, assim também são as trajetórias de vida desses professores (PORTO; SANTOS, 2014). De todos os docentes, 3 estrangeiros e apenas 1 brasileiro moram e trabalham na mesma cidade em que nasceram, apesar de transitarem por outras cidades, estados e países durante o processo de qualificação profissional alcançado até o momento.

Os demais residem em cidades até de outros estados distantes de seu local de nascimento, demonstrando que estes professores estão em movimento. E com isso, se percebe que assim como as identidades são mutáveis, Bauman (2013) chama a atenção sobre a impossibilidade da sociedade se manter no mesmo formato durante muitos períodos de tempo, pois existe uma grande efemeridade em relação aos desejos e aos vínculos sociais. No Quadro 1 é apresentada uma síntese do mapeamento das fotografias publicizadas do *facebook* dos professores pesquisados.

Quadro 1 – Mapeamento do número de fotografias do *facebook* dos professores participantes desta pesquisa. Dez/2016

Nome no Facebook	Fotos com	Fotos de	Total Álbuns	Total Fotos Álbuns	Perfil	Capa	Linha do tempo	Disp. Móveis
Dirceu Silva	169	829	34	612	16	20	115	30
Doiara Silva	-	1203	16	903	19	15	83	144
Jocimar Daolio	14	2	-	-	1	1	-	-
José Luis García Soidán	24	40	-	-	16	22	12	1
Kristyan Abelairas Gómez	288	77	8	64	11	3	11	11
Mauricio Ramos	335	327	36	303	12	12	39	79
Nuria Castro-Lemus	125	162	1	3	4	19	9	137
Osni Oliveira	152	-	7	141	5	11	55	16
Renato Sampaio	171	316	55	110	20	6	116	16
Silvana Goellner	104	367	-	-	5	7	63	278
Sueyla Santos	312	1016	20	1630	26	54	25	368
Víctor Arufe Giráldez	209	484	23	566	10	123	725	198

Fonte: Dados da Pesquisa

Pela análise dos dados elucidados na Tabela acima, se percebe em geral que os professores gostam de compartilhar fotografias nos seus álbuns, destacando-se as professoras Doiara Santos como a que mais publica imagens no *facebook* e Sueyla Santos como a participante que mais publiciza fotografias em seu álbum de fotos do perfil. Entretanto, não implica dizer que todas as fotografias publicizadas por estes docentes apresentam imagens de sua aparência física, pois mostram, também, paisagens e paraísos naturais, praias, rios, personagens de desenhos animados, frases, chapadas, morros, natureza, amigos, família, mensagens, informações gerais sobre eventos, livros, congressos, animais, dentre outras possibilidades.

Conhecer essas características iniciais nos leva a compreender um pouco, uma parte ou uma faceta do que pensam esses indivíduos, como se posicionam e se representam diante dos outros por meio do *facebook*. Além de ter acesso a informações sobre sua trajetória profissional e formação docente que consequentemente reflete na sua visão de mundo, visão de educação, visão de sujeito e de sociedade, na práxis pedagógica a partir das Pedagogias corporais.

Considerar os corpos desses ciberprofessores, a partir de Benjamin (1994), é pensar que as Pedagogias corporais são descobertas que são feitas pelo mundo do sensível e que são vias para o autoconhecimento e o conhecimento. É uma educação estética, pois possibilita a “prática dos sentidos”, redirecionando-os para as novas subjetividades produzidas pelas experiências (coletivas e individuais) que não podem mais considerar as verdades como inquestionáveis, como cânones da certeza, e pensa/sente o conhecimento como um exercício realizado pelo próprio sujeito, adquirindo novos significados para sua vida e de seus pares.

Vale lembrar, que a TRS (MOSCOVICI, 2015) está também compreendida e observada a partir das atitudes e relações interpessoais que acontecem nas interações sociais digitais e ao procedimento subjetivo que acontece antes e durante as trocas manifestas. Essas representações são criadas, modificadas e incorporadas nestas relações, por isso são sociais e constituintes também da cibercultura (MOSCOVICI,

2006) que norteiam os comportamentos e condutas, sendo responsáveis não só por atribuir significados às ações como também conformar o contexto em que elas irão acontecer. A representação corporal digital, neste quesito, é parte do processo de desenvolvimento das relações entre os sujeitos, onde se percebe que variam do nível mais superficial ao nível mais íntimo de acordo como as relações se desenvolvem ou se desedificam.

Há um reforço de pensamentos, desejo de visibilidade e novas subjetividades construídas nessas trocas de informações e produção de conteúdos no *facebook*, que surgem a partir das representações corporais constituídas na rede. Essa percepção é confirmada pelos próprios professores como se pode observar nas unidades de análise a seguir:

Eu me sinto bem, as curtidas e comentários indicam que alguma mensagem foi transmitida para o receptor da imagem. (DIRCEU).

[...] Toda aceitação social faz bem para nossa autoestima e nosso ego, mas procuro encarar com naturalidade [os comentários e curtidas] e sem maiores alardes (MAURICIO).

Si el mensaje es academico se comenta, se comparte o se dan a “Me gusta” me siento muy bien. Si no es profesional tengo mis dudas si debo estar etiquetada o no (NURIA).

Desejado, comentado [...] (OSNI).

Gosto quando meus post são curtidos (SILVANA).

Com isso, se pode inferir que estes professores desenvolvem novas relações com essas questões que inicialmente eram instrumentais e passam a ser estruturais. Gostam quando suas fotografias corporais são curtidas, comentadas e até compartilhadas, gerando satisfação, análise sobre as aprovações ou reprovações de outrem, chegando a refletir na própria autoestima. Há um sentido de vaidade e desejo nessas representações e o *facebook* se constitui, para os professores pesquisados, um território de livres experimentações, sem fronteiras ou limites, que também se traduzem em performances imagéticas de si, mas,

no entanto, existem preceitos morais que direcionam o comportamento desses sujeitos em rede.

Pistas começam a nos ser dadas no entendimento de que a construção das representações corporais desses professores no *facebook* é edificada a partir de seu reconhecimento social enquanto docentes universitários, como vemos neste trecho da fala de Nuria Castro-Lemus “Si no es profesional tengo mis dudas si debo estar etiquetada o no”. Essa professora, também, afirmou que gosta das curtidas e comentários e que se sente bem principalmente quando essas reações estão relacionadas às questões acadêmicas.

Esses professores universitários não só exibem e testemunham suas representações corporais no *facebook*, como também organizam e imprimem realidade(s) à(s) sua(s) própria(s) condição(ões) de sujeito. São pessoas que constroem narrativas imagéticas e textuais e que compartilham suas vidas e modos de ser e de pensar na rede, dentro de uma linha do tempo não linear, porém constante e que permite transformação do Eu fluido, móvel, fragmentado, (in) estável, conectado, recortado e com múltiplos territórios e identidades (MISSIAS-MOREIRA, 2017). Esse processo de negociação das identidades permite uma reinvenção do Eu e a produção de outras subjetividades que também pode ocorrer por receio de estarem expostos aos estigmas sociais.

O envolvimento destes docentes universitários da área de Educação Física no *facebook* passa a ser guiado pelas vontades de estabelecerem relação constante com amigos, alunos, parceiros acadêmicos ou com os demais que se encontram em suas redes. As pessoas se espetacularizam e se exibem mais, interagindo concomitantemente no ambiente virtual e físico, demonstrando sua intenção, desejo e vontade de se fazerem sempre presentes ou onipresentes.

Porém, percebemos com frequência no *Facebook* e também em outras redes sociais, uma necessidade constante de autoafirmação, percebendo-se nesse movimento uma tentativa de convencer a si e ao outro de algo que não temos certeza e convicção em nós, na busca da superação desse vazio em alguns aspectos

da vida como nos aponta o professor entrevistado, Jocimar Daolio:

Penso que se alguém precisa exibir uma determinada característica física no facebook (ou em qualquer outro lugar) é porque isso não está bem resolvido para ela. Alguém que quer parecer belo se preocupa muito com isso e, com certeza, não se acha tão belo e isso incomoda. Precisa fazer um marketing de si mesmo.

Assim como Daolio no argumento anterior, Debord (1997) denuncia a dimensão espetacular dessa nossa sociedade, afirmando que os sujeitos supririam com imagens aquilo de que necessitam e carecem na sua existência física real. Ainda no intuito de analisar o impacto das interações geradas pelas fotografias do perfil, e que, constroem representações sociais e subjetividades corporais, se destacam também como importantes as seguintes unidades de análise:

Me siento bien si los comentarios de la foto son positivos y si son negativos, intento aprender de los errores (JOSÉ SÓIDAN).

[me sinto] orgulhoso. Quando não acontece procuro saber o motivo e penso que se trata de uma postagem não muito bem pensada (RENATO).

Então, se verifica o quanto as redes sociais podem influenciar no processo contínuo de ensino-aprendizagem, aquisição e produção de conhecimentos e de reflexão pelas pessoas que usam o *facebook*, e neste caso em específico, estes dois professores admitem que sentem-se bem com comentários positivos, no entanto, se são negativos eles argumentam que refletem sobre o conteúdo produzido, sempre aprendentes com os “erros”, chegando a acreditar que foi uma exposição de si não muito bem pensada.

Esses ciberprofessores se percebem quando permitem que os seus amigos os vejam, curtam suas postagens, comentem e compartilhem suas subjetividades. Desenvolvemos muitas projeções dos Eus e, por conseguinte, esses docentes que se permitem ser olhados, percebidos e comentados, adquirem e partilham conhecimento. Com isso, ganha força o entendimento de que o *facebook* é realmente um currículo cultural (MORGADO; SANTOS; PARAÍSO, 2013) e que incenti-

va e proporciona a produção desses desejos, modos de ser e aprendizagens de diversas ordens.

O corpo dilatado e invadido pelas tecnologias nasce como um novo modelo de inteligência, sensibilidade, flexibilidade e capacidades comunicativas, despertando a consciência da percepção de forma complementar a consciência representativa (MISSIAS-MOREIRA, 2017), proporcionando o verdadeiro triunfo do corpo (COUTO; GOELLNER, 2012). O professor universitário toma consciência de seu corpo por meio do mundo e tem consciência do mundo por seu corpo. Mas a maneira como ele vai manusear o *facebook* e perceber o mundo, a educação, o sujeito, a vida e seus fenômenos vai também estar vinculada ao meio cultural e social em que ele está inserido e envolvido.

A própria professora Silvana reconhece esse potencial da rede para as criações das representações corporais (de repressão ou libertação) nas redes sociais, que também são instâncias sociais. Como se percebe em sua fala:

O Facebook como qualquer outra instância social produz e reproduz representações sobre os corpos [...] o Facebook não existe isolado dos discursos que circulam sobre os corpos em várias instâncias sociais. E estas estão direcionadas para seu controle e também para sua libertação (SILVANA GOELLNER).

A professora Doiara Santos também traz essa questão para o debate ao argumentar que

Quando as pessoas optam por não postar fotos de seus corpos porque julgam que estas fogem às imagens sociais do que é belo (reproduzidas por veículos midiáticos), cerceiam-se desta liberdade e compartilham deste imaginário equivocados, reproduzindo o que se chama de padrão.

A partir destas reflexões, fica claro que o *Facebook* possui uma grande influência sobre os discursos dos corpos sobre os corpos, e mais do que isto, que essas representações sociais compartilhadas no imaginário coletivo podem possuir uma tendência libertadora ou também um caráter aprisionador de controle e repressão. Enquanto docentes, acreditamos que os professores pesquisados contribuem para a transformação

dessa perspectiva aprisionadora a partir de uma excelente aceitação de seus corpos e de suas representações corporais em rede.

Esse paradigma acontece sempre na interface do conflito, o corpo festivo vive dos agitos e perturbações das sensações voláteis (COUTO, 2012) e fortes, sob o escudo do prazer e da perfeição minimamente idealizada e disseminada no espaço virtual. O corpo vive em meio a essas ambiguidades, se libertando de remotos aprisionamentos ao passo que cria novos ornamentos, novas artes, outras moléstias, na incessante construção das suas mobilidades existenciais, visualidades e virtualidades, sobretudo por meio das dinâmicas aceleradas existentes nas redes sociais, como o *Facebook*.

Jocimar amplia a nossa compreensão sobre as representações corporais e corpo, nos alertando com a seguinte reflexão:

São as formas que podemos representar internamente nosso corpo; não aquilo que o corpo é, mas a forma como cada um consegue representa-lo para si mesmo [...] O corpo sou eu e eu sou o corpo. É indissociável o meu corpo do que eu penso sobre ele. Sou corpo, penso corpo, falo corpo etc. (JOCIMAR DAOLIO).

Notamos que embora o professor não crie uma vasta representação corporal na rede por meio das fotografias no *Facebook*, o mesmo possui uma harmônica consciência crítica e ampliada sobre si, sobre seu modo de ser, de pensar, sobre sua indissociabilidade entre o ser e o ter corpo. Ao estar e interagir com o mundo, o corpo envia e recebe estímulos, gerando sensações, e, por conseguinte, mescladas por aspectos psicológicos, biológicos, emocionais, dentre outros.

Jodelet (2000) argumenta que a representação corporal é esse instrumento de expressão e percepção da vida imbricada e expressada por meio do corpo. É por isto essa representação de professor Jocimar de que nós não apenas temos um corpo, mais do que isso somos um corpo que expressa o mundo, onde o mundo também se expressa no corpo. Não existe relação com o mundo sem ser mediada pelo corpo e sobre esta questão nos acrescenta a professora Silvana

Goellner: “Não há sujeito sem corpo e o corpo integra nossa identidade. Portanto, sempre diz sobre o que somos porque não somos nada senão pelo corpo”.

É consolidada, considerando essas representações colocadas pelos professores Jocimar e Silvana, a relevância científica e social desta pesquisa, na medida em que é necessário tratar o corpo multifacetado como objeto da educação, dentre outros motivos, porque muitas são as descobertas, mas, mais ainda as incompreensões, os encantos, os mistérios, as façanhas que o envolvem. Para Missias-Moreira (2017) devemos reconhecer que a construção da inteligência surge do corpo a partir das experiências compartilhadas e vividas. Experimentos, esses, que estão relacionados tanto com a emancipação e soberania do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a sociedade e a cultura em que se vive.

Nesse contexto, podemos afirmar que, na própria ação existe conhecimento, uma vez que a aprendizagem nasce do corpo e a partir das suas ligações com o entorno. Le Breton (2015, p. 136) complementa essa ideia e amplia a reflexão ao inferir que “se o homem só existe por meio de formas corporais que o colocam no mundo, qualquer modificação de sua forma implica em outra definição de sua humanidade”. Questionamentos de ordens éticas, epistemológicas, ontológicas, estéticas e educacionais, definem ou redefinem o que o ser humano apresenta.

Nesses processos, com as distintas perspectivas proporcionadas pela experimentação poética visual, se ampliam as redes de apreensões com o mundo, permitindo formas de agrupar uma multiplicidade da qual não se daria conta em outra circunstância. A partir dessas trocas simbólicas no *Facebook*, podemos notar que essas fotografias publicadas no perfil produzem um entrelaçamento entre as imagens idealizadas, as rápidas subjetividades produzidas pelos docentes e a construção de conhecimentos que fortalecem os corpos, como se observa nas seguintes unidades de análise:

La representación del cuerpo no solo es La percepción [...] y si em alguna medida expongo ciertas fotografías o realizao algún tipo de comentario respecto al cuerpo

es porque ahí está mi concepción de lo que debería ser el cuerpo. (NURIA).

Sou eu quem estou ali [...]. (SILVANA).

[...] y em situaciones variadas, dando así información sobre su físico y sus preferencias personales y profesionales. (JOSÉ SÓIDAN).

Representações corporais são as maneiras que nosso corpo se comunica com nosso modo de ser, viver e se relacionar com o meio (pessoas, ambientes, experiências de vida) [...]. (SUEVLA).

Acho que projecto a minha imagen real, nao tenho dupla personalidade, o que eu son na vida real, son tambien no facebook. (VÍCTOR).

[...] formas como vemos a nós mesmos em nossa expressão física e a forma como projetamos nossa imagem para a apreciação de outrem. (DOIARA).

Os próprios professores deixam claro nestas representações sociais e corporais que a produção de conteúdos nestas performances interacionais dentro da rede social *Facebook* reverberam na constituição de seus modos de ser. Eles expõem suas ideias, gostos, ações, pensamentos, etc. Dessa forma, um se constrói no outro e quem vê tem seu corpo transformado em imagem. É destas possibilidades de atrelamento, dos jogos das fotografias pregnantas, corpos em imagens e imagens em corpos que pensamos os modos de construção das borbulhantes subjetividades na contemporaneidade. Na cultura digital, que se volta para o espetáculo, onde só sobrevive quem é notado, a autoafirmação, a promoção de si ganham destaque no *Facebook*.

A formação das representações corporais no *Facebook* baseada nas representações sociais da realidade cibercultural de qualquer grupo de pertença tem como objeto referencial coisas, pessoas, fatos ou sentimentos que permanecem na memória (MOSCOVICI, 2006) e no imaginário dos sujeitos. É nesta representação que se observa o quanto a realidade destes professores e da sociedade geral, expressa e constituída a partir da linguagem visual, é formada por significados simbólicos, signos e imagens fragmentadas.

Essas representações são partes dos processos de visibilidade dos corpos que, posteriormente, são impressos e distintos do objeto que existe. Dessa maneira, a imagem reproduzida e projetada não depende da presença física do objeto correspondente, pois ela indica a “semelhança ou sinal das coisas” que procurava representar, ou seja, a narrativa corporal em rede é a imagem por excelência na cibercultura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver plugado e em conexões são novos modos de ser, aparecer e constituir-se por meio de fantásticas narrativas corporais que geram subjetividades sociais fluidas e deslizantes na contemporaneidade. As representações sociais e corporais no *Facebook* dos professores universitários de cursos de Educação Física possibilitam a expansão e ressignificação da corporalidade dos sujeitos porque ela ganha novos corpos, reestruturando a sua cognição, incentivando inusitadas aprendizagens de si para si e para os outros, por meio da visibilidade, da autoformação, autopromoção e por vezes da exibição e espetacularização, como formas de emancipação. Em todas essas possibilidades a educação estética e do sensível está presente: viver em rede é sempre aprender porque o corpo também é sempre esse território de aprendizagem.

Por tratar do corpo como objeto de estudo em sua relação com o *facebook* e com a TRS viajamos pelos devaneios apresentados por estes professores que se movimentam e representam corporalmente. A junção das linguagens foi na tentativa de fornecer subsídios ampliados para nossa compreensão sobre esse objeto de estudo com foco na educação. Ao montar os fragmentos e construir a tessitura de suas histórias e representações corporais por meio dos instrumentos, a partir dos aprendizados pelas Pedagogias corporais, percebemos também, que estamos desenvolvendo uma análise de ordem social desse momento contemporâneo.

Visualizamos nas imagens, nos comportamentos e nas vozes dos professores universitários que a construção das representações corporais no *Facebook* é prazerosa, criativa e uma grande possibilidade, até certo ponto, de manusear e transformar o próprio corpo sem nenhum tipo de dor e sentir-se representado por este corpo virtual. Existe nessas ações um processo interessante de ressignificação, com possibilidades de expansão, de reestruturação corporal do sujeito, de autoconhecimento, ampliando sua formação nas outras experiências sociais no mundo *offline*.

Vale demarcar que o *Facebook* se constitui, nesta pesquisa, como um currículo cultural providencial na cibercultura, um ambiente, espaço de aprendizagens, compartilhamentos, experiências, representações corporais docentes, onde subjetividades instantâneas são projetadas para os bilhões de usuários que estão conectados na rede e os corpos heterogêneos, que também são dispositivos simbólicos da cultura, tornam-se fluidos, voláteis, plurais e em alguns casos extremamente performáticos e espetacularizados.

Por meio dessas narrativas corporais os ciberprofessores imprimem estratégias de visibilidade, suas maneiras de ver e pensar sobre si e também sobre os outros, de se fazerem ver, serem vistos e legitimam os vínculos, as redes de amizades, as redes de colaboração (acadêmica ou não), as trocas, aprendizagens e as sociabilidades proporcionadas. As experiências sociais são trocas presentes e permitidas a partir das Pedagogias corporais.

Concluimos, também, que as representações corporais, dentro da perspectiva da educação e da cibercultura, são esses próprios professores universitários em sua interação, experimentação, doação, recepção, integração, conectando-se e mostrando-se ao mundo de forma livre e mais completa apenas por um ou alguns cliques. São essas outras maneiras de pensar, construir, aparecer, exibir, reinventar, determinar, agir, conhecer, reconstruir-se individualmente e coletivamente, aprender a/e ser. Sendo possível observar que esse corpo virtualizado sempre experimenta, na via da espetacularização ou não, todos esses conhecimentos adquiridos, construídos e acumulados no

facebook (e em toda rede) é mais rica, aprofundada, mais fecunda e propriamente mais didática. É uma verdadeira contextualização de nossa realidade atual e contemporânea.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASIL. **Normas aplicáveis a pesquisas em ciências humanas e sociais**. Resolução 510 de 07 de abril de 2016. Conselho Nacional de Saúde. Brasília, 2016.
- COUTO, Edvaldo S. **Corpos voláteis, corpos perfeitos**: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano. Salvador: EDUFBA, 2012.
- COUTO, Edvaldo S.; GOELLNER, Silvana V. (Org.) **O triunfo do corpo**. Polêmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2012.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GARCIA, Angela C. *et al.* Ethnographic approaches to the internet and computer-mediated communication. **Journal of Contemporary Ethnography**, v.38, n.52, p.52-84, 2009.
- JODELET, Denise. Le corps, la persone et autrui. In: MOSCOVICI, S. (Org.). **Psychologie sociale des relations a autrui**. Paris: Nathan, 2000. p.41-68.
- LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Papirus, 2015.
- LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**. Em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2003.
- MINAYO, Maria C.; DELANDES, Suely F.; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MISSIAS-MOREIRA, Ramon. **Representações corporais de professores universitários de Educação Física no Facebook**. 2017. 248f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2017.
- MOSCOVICI, Serge. Memórias, rituais e ciber-representações. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana**: comunidade e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.
- MORGADO, José C.; SANTOS. Lucíola L.C.P.; PARAÍSO, Marlucy A. **Estudos curriculares**: um debate contemporâneo. Curitiba: CRV, 2013.
- PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Org.). **Facebook e educação**. Publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.
- RUDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

Recebido em: 23 de Maio de 2017
Avaliado em: 3 de Agosto de 2017
Aceito em: 3 de Agosto de 2017

1. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Especialista em Atividade Física, Educação e Saúde para Grupos Especiais pela Faculdade da Cidade do Salvador. Licenciado Pleno em Educação Física pela UESB. E-mail: ramonefisica@hotmail.com

2. Possui pós-doutoramento em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Doutorado em Educação (UNICAMP), Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e graduação em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). É professor Titular na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Departamento de Educação II. É professor permanente no programa de pós-graduação em Educação e um dos coordenadores do GEC: Grupo de pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias. É bolsista do CNPq (PQ 2). E-mail: edvaldosouzacouto@gmail.com